SAFRA DE VERÃO

Milho — quebrando a tradição

Historicamente, na cultura do milho no Brasil, os preços baixos têm seguido a boa colheita. A conseqüência natural, em termos de superfície cultivada e de investimentos realizados, era o desestímulo ao plantio seguinte. Mas a tradição foi quebrada em 1996, quando, apesar de a colheita de 24,8 milhões de toneladas na primeira safra do Centro-Sul na temporada 1995/96 ter sido 16% inferior à precedente, caíram bastante os preços do grão.

As explicações para a atual queda dos preços do milho são duas: o exagerado aumento ocorrido logo no início do ano passado — por conta da superestimativa nas primeiras avaliações de quebra na colheita — e a previsão (que se revelaria errônea) de que a pressão da demanda por parte da avicultura de corte seria tão forte quanto a observada em 1995.

A grande formação antecipada de estoques significava perdas financeiras às empresas, e a conseqüência inevitável foi a queda dos preços do milho

O temor de um possível desabastecimento levou as empresas a adquirirem antecipadamente o cereal, catapultando as cotações e ensejando a pronta interferência do governo em leiloar seus estoques. A revelação de que estes seriam maiores do que as próprias autoridades imaginavam reforçou a tendência de queda dos preços, que se originara no ritmo da produção avícola, muito mais lento do que o previsto.

A grande formação antecipada de estoques significava perdas financeiras às empresas, e a conseqüência inevitável foi a queda dos preços do milho; ou as empresas não o compravam por não terem necessidade, ou forçavam os preços para baixo como forma de compensar os prejuízos já incorridos.

Existe no momento uma forte expectativa dos agentes desse mercado quanto à tendência do abastecimento e dos preços do grão. Com o avanço da colheita da primeira safra de milho na temporada 1996/97, os contornos vão se tornando mais nítidos. Produtores, consumidores e governo em atuação conjunta vêm definindo as tendências para a atual comercialização.

Produção por estados e regiões

Do ponto de vista do setor produtivo, a colheita da primeira safra do Centro-Sul promete um resultado global muito bom. Caso se confirme a avaliação realizada pelo IBGE no último mês de janeiro, a tonelagem obtida deverá chegar a 26,6 milhões de toneladas, 7,3% a mais do que no ano passado. Esse total resultará do avanço ocorrido no rendimento físico — a área semeada praticamente repetiu os 8,1 milhões de hectares da safra anterior. O bom desempenho derivou quase exclusivamente das condições edafoclimáticas favoráveis da maioria das regiões produtoras. Isto se revelou providencial, já que, em vista dos baixos preços do ano passado, muitos agricultores tiveram dificuldade em realizar um maior investimento no último plantio.

Mais uma vez, o Paraná deverá ser o maior estado brasileiro produtor de milho, cuja colheita está prevista pelo Departamento de Economia Rural do estado em 7,1 milhões de toneladas (apenas 5,5% inferior ao recorde registrado na temporada 1994/95). A região Centro-Oeste, por sua vez, manterá sua posição de grande supridora de outros estados, devido ao seu baixo consumo interno. De acordo com o IBGE, a produção conjunta das três unidades produtoras desta porção do país deverá chegar a 5,3 milhões de toneladas, ou 20% da colheita total prevista para o Centro-Sul.

Pelo segundo ano consecutivo houve problemas por parte da safra gaúcha, por conta da falta de chuvas em algumas áreas do estado durante o desenvolvimento da lavoura. O fato foi no entanto muito menos sério do que o observado na safra 1995/96, quando a área colhida com milho no estado chegou a representar apenas 89% da área cultivada. Para este ano, a expectativa é de que a colheita local chegue a 4,8 milhões de toneladas, ou 45% acima do obtido um ano antes.

A consolidação dos números referentes à colheita vem servindo para os consumidores cautelosamente definirem seu posicionamento, conforme suas necessidades de consumo também vão-se tornando mais claras. Aparentemente, as empresas têm pautado seu plano de compras baseadas no princípio determinante de que a avicultura de corte estará mantendo a tendência ao estrito controle de custos já verificada desde o ano passado. Além do mais, os próprios fabricantes de ração não desejam incorrer novamente no erro de superestimar sua demanda como fizeram há um ano.

Decorre daí a explicação para as primeiras informações quanto ao preço obtido pelo cereal colhido precocemente em várias regiões do Centro-Sul (que, por tradição, costuma apresentar-se bem cotado justamente pela sua precocidade) ter sido muito inferior ao preço mínimo de R$6,70/60kg. Em meados de janeiro, em muitas regiões do Centro-Oeste do país temia-se que a cotação do cereal viesse a ser no máximo de R$5,50/60kg, sendo que não raro o preço mínimo era visto como inatingível em muitas áreas da região Sul.

Inovações no mercado

Conforme apontado em *Agroanalysis*, 17(3), a pronta ação do governo serviu para controlar esse pessimismo, divulgando os estudos de uma série de medidas de apoio à cultura, incluindo a antecipação das dívidas securitizadas e o lançamento das opções de venda do produto recém-colhido. Cerca de um mês depois, novamente as autoridades confirmaram e explicitaram essas iniciativas, incluindo a imediata disponibilização de R$120 milhões para as operações de AGF de até 2 mil sacas por produtor, independentemente de o produto ser originário de lavoura financiada.

O destaque desse pacote de medidas ficou por conta do contrato de opção, divulgado popularmente como a forma de o produtor adquirir o direito de vender o milho ao governo. Segundo a Sociedade Rural Brasileira em seu *Informativo Rural* de janeiro último: "A opção de venda é um contrato no qual o produtor adquire o direito de exercer ou não a venda de um produto a um preço previamente estabelecido, em uma data combinada. Por este direito, o produtor deve pagar um prêmio, que é negociado com o vendedor do direito, no caso o próprio governo. A venda do direito é feita em leilão, de forma pública e transparente, em que será negociado um prêmio que o produtor estará disposto a pagar para ter o direito de vender ou não sua produção ao governo".

Relativamente à política de EGF e de AGF até agora aplicada à comercialização das safras de verão, o mercado de opções apresenta diversas inovações. Por isso reina certa insegurança no campo quanto à sua implementação, e as cooperativas e lideranças rurais vêm tomando a iniciativa de explicitar aos produtores a nova modalidade de comercialização.

Por último, tem-se questionado sobre a possibilidade de virem a ocorrer exportações do produto ao longo dos próximos meses, e sobre a influência que este comércio teria sobre o mercado interno. Na última temporada, essas vendas chegaram a 500 mil toneladas em seu agregado, tendo funcionado — ainda que de forma passageira — como um suporte extra ao mercado.

A questão óbvia que se coloca é sobre as variações ocorridas no preço internacional do milho neste ínterim — na média dos dois primeiros decêndios do último mês de fevereiro, o preço do primeiro futuro de US$108,17/t registrado para o milho na Bolsa de Chicago era quase 30% inferior ao de um ano antes — e, conseqüentemente, sobre a paridade para uma eventual venda ao exterior no momento. Um rápido cálculo com base nesse valor,[1] no entanto, nos indica que a receita líquida aproximada seria de US$5,22/saca, ou menos do que os produtores previam em suas mais pessimistas projeções para as vendas internas.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

[1] Considerou-se o frete ao custo de US$1,40/saca, que seria o valor médio entre o patamar normal de US$0,90/saca e o valor de US$1,90/saca, este último atingido durante o pico da colheita ao se sobreporem as demandas de transporte para o milho e a soja.

SOJA



Mais uma grande safra

As estimativas tradicionais do desempenho da safra de verão trouxeram, este ano, a notícia de que a produção do agregado grãos deverá somar mais de 81 milhões de toneladas. Retomando os objetivos propagandísticos deste cálculo, vale lembrar que, por muitos anos, sucessivos governos empenharam-se em apontar caminhos para que em futuro não muito distante o país produzisse 100 milhões de toneladas na soma das safras de verão, de inverno e irrigada. Tanto naquela época, como agora, dois dos grãos, um cereal (milho) e uma leguminosa (soja), detêm a parte do leão (hoje mais de 70% do esperado).